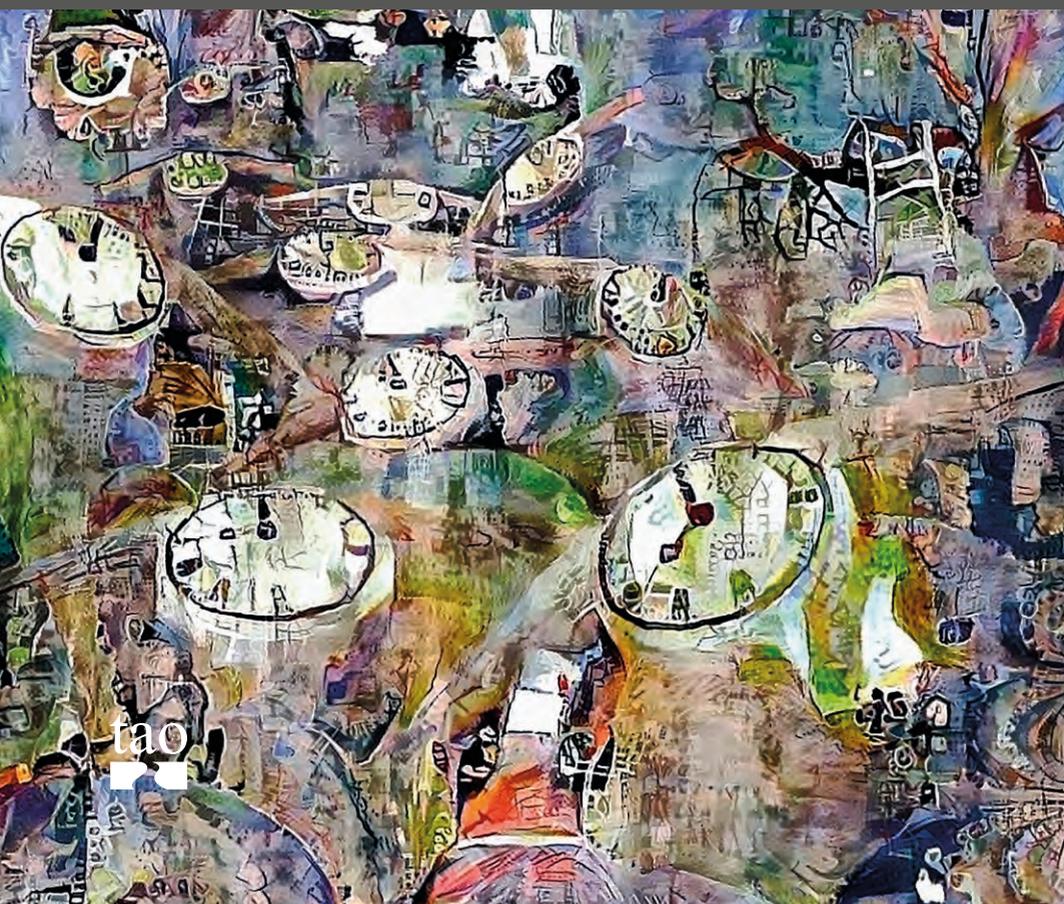


Sérgio Telles

O avesso do cotidiano

Crônicas radiofônicas

2ª edição



tao

Sérgio Telles

O AVESSE
DO
COTIDIANO

– CRÔNICAS RADIOFÔNICAS –

2ª edição

O avesso do cotidiano: crônicas radiofônicas

© 2014 Sérgio Telles

TAO Editora

1ª edição - 2014, Zagodoni

2ª edição - 2023, TAO Editora

Publishers Edgard Blücher e Eduardo Blücher

Editor Jonas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Catarina Tolentino

Preparação de texto Daniel Safadi

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto



Dados Internacionais de
Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
contato@taoeditora.com.br
www.taoeditora.com.br

Telles, Sérgio.
O avesso do cotidiano : crônicas
radiofônicas/ Sérgio Telles. – 2. ed. – São
Paulo : Tao, 2023.
246 p.

Segundo Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

Bibliografia
ISBN 978-65-89913-35-1

1. Crônicas brasileiras 2. Psicanálise -
Crônicas I. Título.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios, sem autorização
escrita da Editora.

22-0646 CDD B869.3

Todos os direitos reservados pela Tao
Editora.

Índices para catálogo sistemático:
1. Crônicas brasileiras

Conteúdo

Guardar velharias.....	13
Vida e arte	15
Preconceito	17
Depois das eleições, com Hanna Arendt.....	19
Distorções da percepção	21
Direito de morrer	23
Consumo natalino.....	25
Uma mensagem de Natal.....	27
Ano novo.....	29
Passaportes	31
A “bispa”	33
Bruna Surfistinha.....	35
Pérolas para o rio Tietê	37
Os que se esbaldam com o carnaval.....	39
Narcisismo e poder.....	41
Violência e maldade	43
Mídia e violência	45
Roubo de gravatas.....	47
Darwin e o papa.....	49
O <i>loser</i> de Virgínia.....	51
Propaganda e publicidade.....	53
Poder judiciário e Kafka	55
Pílulas de Frei Galvão.....	57
“Relaxem e gozem”	59

Escândalos – Insetos grandes e fortes	61
Pais	63
Grande desastre aéreo	65
Bergman e Antonioni	67
<i>Persona e Gritos e Sussurros</i> , de Bergman	69
<i>O Segredo</i>	71
Herdeiros	73
Mentira e discurso político	75
Escândalos – Bolsa Família	77
“Cidadão israelita neonazista”	79
Escândalos – “Ditadura da Mídia”	81
O relógio de Luciano Hulk	83
A propósito do Dia dos Médicos	85
Padre Júlio Lancellotti	87
Fratricídio	89
Comprando roupas	91
Atração Fatal	93
Grandes mudanças	95
Humor ou franca grosseria?	97
Atribulações no Natal	99
Mudando o visual	101
Hóspedes incômodos	103
Existe a fibromialgia?	105
Medicalização excessiva	107
Carnaval	109
Carnaval e despreocupação	111
Posições da Igreja	113
Cigarro e álcool	115
Fidel, 49 anos no poder	117
Mentir para os pais	119
O livro póstumo de Nabokov	121
Wikipedia	123
Abusos contra crianças	125

Culinária muito especial	127
O caso Isabella Nardoni – Parte 1	129
O caso Isabella Nardoni – Parte 2	131
Caso Isabella Nardoni – Parte 3.	133
São Paulo na <i>Vanity Fair</i>	135
Transposição do rio São Francisco	137
O inacreditável monstro austríaco	139
Ronaldo e os travestis.	141
Antecedentes literários do monstro austríaco	143
Videogames.	145
Publicidade	147
A mulher do charuto.	149
Laboratórios farmacêuticos e diagnósticos psiquiátricos na infância.	151
Sebald, um grande escritor	153
Ficha suja dos políticos e <i>accountability</i>	155
Cães e a cultura	157
Não desistir de ler jornais	159
Retorno da religião	161
Psicanálise ontem e hoje	163
As esquisitices de João Gilberto	165
Horário eleitoral	167
Chiste e horário eleitoral	169
Confissões e torturas	171
Crise financeira nos Estados Unidos	173
Sarah Palin.	175
Bernard-Henri Lévy e Michel Houellebecq.	177
Marta Suplicy e Kassab, candidatas	179
Nudez no palco	181
Bienal	183
Barack Obama eleito.	185
Vergonha de ser brasileiro	187
Jornalistas ou humoristas?	189

Psiquiatria a serviço do poder	191
A encíclica <i>Dignitas Personae</i> e questões éticas	193
Presentes de Natal	195
Festividades do final do ano	197
Na passagem do ano	199
Sebald e o conflito entre palestinos e israelenses	201
Desemprego e autoestima	203
Roger Abdelmassih e suas práticas	205
Direito de morrer – 2	207
O castelo do corregedor	209
Enchentes	211
Sobre o consumo	213
O que pensar sobre o sexo casual?	215
100 dias do governo Obama	217
Considerações sobre o Dia do Trabalho	219
<i>Anjos e demônios</i> , de Ron Howard	221
Linguagem e economia	223
Desastre da Air France	225
Neda Agha-Soltan no YouTube	227
Acidente da TAM, dois anos depois	229
Michael Jackson – um pequeno tributo	231
O futuro chegou	233
Pandemia	235
<i>Operación Pandemia</i>	237
Questão de linguagem	239
O médico e o monstro	241
Democracia efetiva	243
Incisões no corpo	245

Guardar velharias

(27/07/06)

Recentemente lemos nos jornais que, incomodados pelo mau cheiro proveniente de uma determinada casa, os vizinhos solicitaram a intervenção dos poderes públicos.

Constatou-se então que a velha senhora que ali morava havia coletado, no correr dos anos, uma quantidade inconcebível de lixo. Toneladas de detritos estavam acumuladas nos diversos aposentos da residência.

Descoberto o fato, considerou-se que tal comportamento decorria de uma enfermidade mental e as providências necessárias foram tomadas.

O estado senil da velha senhora levou a extremos uma característica comum a muita gente – a mania de guardar coisas sem uso, a dificuldade em se desfazer de tralhas e velharias que entulham armários e prateleiras, o não querer jogar fora coisas que um dia tiveram alguma utilidade.

Retemos conosco essas coisas pelo que elas representam para nós, pelas lembranças que nelas estão incrustadas. Relutamos em nos desfazer dos objetos por sabermos que, provavelmente, com eles iriam a memória, as recordações das quais eles dão o testemunho.

Ao ler a notícia da velha mulher que acumulava lixo, cheguei em casa e finalmente tive coragem de jogar fora alguns trastes, entre eles uma antiga borracha de apagar que tinha sido de minha tia e que usei ainda no primário, quando escrevia a lápis e era preciso fazer muitas correções na minha escrita – sem querer dizer, com isso, que hoje seja muito diferente. Era uma daquelas borrachas metade vermelha, metade azul, com uma tira fininha branca no meio. Era tão velha que há muito perdera toda flexibilidade, estava dura que nem um pau e não apagava mais nada.

Agora que dela me desfiz, espero não esquecer tudo aquilo que nela estava embutido e que por tantos anos me fez guardá-la – a infância, o dever de casa, a casa de minha avó, minha tia querida.

Vida e arte

(02/11/06)

Há poucas semanas, foi notificado um fato chocante ocorrido na Áustria – o aparecimento de uma jovem que fora sequestrada oito anos antes, quando tinha 10 anos. Ela fora mantida prisioneira num aposento secreto escavado na casa do sequestrador, que se suicidou ao constatar sua fuga.

Por que um homem iria sequestrar uma menina e mantê-la prisioneira por tanto tempo?

De imediato se vê que não se trata de um sequestro vulgar, pois ele não visava o dinheiro do resgate. Tampouco era um caso corriqueiro (se é que se pode dizer assim) de pedofilia.

O que ele queria era a posse da vítima, da menina que manteve aprisionada por oito anos.

Como entender a conduta bizarra desse sequestrador?

Podemos pensar que ele estabelece uma relação de total e mútua dependência com a sequestrada. Ela depende integralmente dele para se manter viva, e ele também tem sua vida centrada na presença clandestina de sua vítima, pela qual deve zelar.

Recria-se, dessa maneira, um tipo de relacionamento cujas características lembram muito a relação simbiótica primária que se estabelece entre um bebê e sua mãe.

Por que faria isso? Uma hipótese é que o sequestrador, enquanto bebê, teria vivido de forma tão traumática a relação primária

ria com sua mãe que se vê compelido a recriá-la de forma invertida. Não está mais no lugar do bebê desamparado – lugar que é ocupado agora pela sequestrada –, e sim no lugar da mãe que tudo pode.

Ele estaria fixado a esse momento de sua constituição como sujeito, e sua atuação criminosa teria sido a única forma que encontrou para driblar seus intensos conflitos mentais que poderiam ocasionar um mergulho fatal na psicose, na loucura. Pena que, para tanto, uma garota de 10 anos tenha tido de passar tamanha provação, ser sua prisioneira por tão longo tempo.

Como ocorre muitas vezes, a vida imita a arte.

Há um filme de William Wyler de 1965, chamado “O Colecionador”, baseado num romance de John Fowles, com Terence Stamp e Samantha Eggar, que conta uma história muito semelhante a esse triste episódio ocorrido em Viena.

Preconceito

(09/11/06)

Dois homens foram acusados de racismo ao serem pegos colando cartazes com críticas ao programa de vagas para afrodescendentes nas universidades públicas.

Segundo a polícia, os cartazes incitavam à discriminação contra os negros. Divulgados no site de um grupo neonazista, os cartazes diziam que os negros “roubam” as vagas dos brancos.

Sem entrar no mérito da política de vagas para afrodescendentes, o que nos interessa nesse episódio é a questão do preconceito.

Se eu perguntar a você, caro/cara ouvinte, se você tem algum preconceito, é bem possível que você responda que não.

É assim mesmo. Na maioria das vezes, as pessoas mais bem informadas negam ter qualquer preconceito.

Já as mais simples, expressam clara e diretamente ideias preconceituosas, embora não as reconheçam como tal. Para elas, tais ideias não são preconceitos. São evidências, opiniões baseadas em fatos e experiências das quais dão fé.

Entretanto, o mais provável é que todos tenhamos nossos preconceitos, pois eles estão intimamente ligados a processos e mecanismos psíquicos presentes em todos nós, como o narcisismo e a projeção.

O narcisismo exige do sujeito a perfeição e não admite que ele tenha falha alguma. Seus defeitos não são tolerados e têm de ser eliminados. É aí que entra em cena a projeção.

A projeção consiste em expelir do seu interior e depositar fora, noutra pessoa ou instituição, tudo aquilo que o sujeito não gosta ou suporta em si mesmo. Feita a projeção disso que ele rejeita em si mesmo, passa a desconsiderar, desprezar e, em casos extremos, querer eliminar a pessoa ou instituição sobre os quais fez a projeção.

O preconceito consiste nisso – o ódio e a intolerância contra aqueles nos quais nós depositamos tudo aquilo que é inaceitável em nós mesmos. É comum que os preconceitos se manifestem de forma coletiva, quando grupos sociais são escolhidos como depositários dessa projeção – negros, homossexuais, nordestinos, as diversas etnias minoritárias da comunidade etc.

A melhor maneira de combater o preconceito é não o negar. Somente reconhecendo sua existência podemos analisá-lo, compreendê-lo e combater sua irracionalidade.

Assim, da próxima vez que lhe perguntarem se você tem preconceitos, pense bem, localize onde eles estão escondidos e os examine com cuidado.

É a única forma de neutralizá-los.

Depois das eleições, com Hanna Arendt

(16/11/06)

Vivemos uma triste ressaca depois das eleições.

Como estamos fartos de saber, elas aconteceram num momento complicado, em que estourava uma sucessão de falcaturas envolvendo o PT e figuras ligadas à presidência.

Mas seria um equívoco se escandalizar exclusivamente com o PT.

Os desmandos nos quais ele se envolveu apenas expuseram a corrupção corrente nas práticas políticas do país.

Nós, cidadãos comuns, ficamos perplexos ao tomar conhecimento de tais práticas e ao constatar as negações e os desmentidos que os políticos passam a proferir quando elas são descobertas e denunciadas na mídia.

Nós, eleitores, cidadãos comuns, muitas vezes vemos os políticos de forma idealizada. Ilusoriamente os consideramos figuras paternas nas quais projetamos nossos desejos de proteção e cuidados. Confiamos neles de forma afetiva, abdicando de exercer sobre eles quaisquer críticas ou cobranças efetivas.

Ao nos posicionarmos como crianças, vendo os políticos como pais perfeitos, o discurso deles nos parece estar acima de nossa compreensão. Assim, não nos julgamos no direito de cobrar

coerência e veracidade do que nos falam quando buscam nosso voto.

O mais curioso é que mantemos essa visão infantil a respeito dos políticos, apesar de todas as evidências em contrário.

É muito instrutivo o momento político que atravessamos. Ele deixa muito clara a forma peculiar com a qual a maioria dos políticos trata a verdade.

A pensadora Hanna Arendt diz que o discurso da política é o discurso da mentira absoluta. Isso é corrente nos regimes totalitários, nos quais o passado e a história são permanentemente reescritos em função de interesses políticos do momento presente. Mas os regimes democráticos modernos não estão isentos da propaganda política e da manipulação da informação – que se torna extremamente crítica com o crescente poder da mídia.

Arendt fala que a mentira política tradicional dizia respeito aos chamados “segredos de estado” e negócios diplomáticos. A mentira política moderna, atual, – diz ela – não envolve segredos desconhecidos do grande público, e sim coisas e fatos amplamente conhecidos por todos e que são simplesmente negados apesar de todas as evidências.

Dessa forma, diz ela, o processo da mentira política moderna já não seria a dissimulação da verdade, e sim a destruição da realidade.

Há um aspecto positivo nisso tudo. Saber que o discurso da política é o discurso da mentira nos faz ficar mais céticos e críticos frente aos políticos e deixa menos fácil idealizá-los de forma infantil e regressiva.

Distorções da percepção

(23/11/06)

Costumamos atribuir à percepção – capacidade de captar o mundo pelos órgãos dos sentidos – a importante função de vislumbrar a realidade. Ou seja, de discriminar entre fato e fantasia, entre verdade e ilusão, entre o efetivo acontecimento e a imaginação.

Daí por que muitas vezes ouvimos alguém dizer “vi com meus próprios olhos”, como se a declaração da percepção direta de algo reforçasse a veracidade de seu relato.

A confiança que depositamos na percepção para nos guiar dentro da realidade fica seriamente abalada ao nos depararmos com situações como as trazidas pela anorexia nervosa, doença que recentemente vitimou duas jovens mulheres, como foi noticiado.

As pessoas que sofrem de anorexia nervosa têm uma percepção do próprio corpo muito distanciada daquela que sua imagem no espelho deveria lhes fornecer.

A anorética está, de fato, muito magra, só pele e osso. Mas considera-se acima do peso e rejeita a alimentação, temendo engordar “mais ainda”.

A percepção consciente de seu corpo, oferecida por seus olhos, é contraposta e anulada por uma imagem advinda de conflitos inconscientes, que impõem uma lógica própria e eventualmente fatal.

A anorexia leva a graus extremos uma possibilidade sempre presente para qualquer um de nós.

Afinal, se a percepção do próprio corpo pode ser completamente distorcida, recriada a partir de fantasias inconscientes, mais facilmente esse processo pode ocorrer com percepções muito mais complexas e abstratas, percepções ligadas aos relacionamentos afetivos, à própria conduta, ao comportamento, percepções da realidade impossíveis de uma aferição direta e simples como a do corpo em seu reflexo no espelho.

A anorexia deveria nos servir como um alerta contra o radicalismo e a intransigência próprios das convicções e certezas muito arraigadas.

Ela nos diz que há sempre uma possibilidade de estarmos equivocados a nosso próprio respeito, pois nossas percepções são filtradas pelo inconsciente e refletem não tanto a realidade factual, e sim o desejo inconsciente.

Direito de morrer

(30/11/06)

A vida e a morte são consideradas, por muitos, como dons divinos.

Por essa razão, qualquer intervenção objetiva e racional sobre os procedimentos ligados à vida e à morte enfrenta grandes oposições e preconceitos.

Por exemplo. Quanto ao começo da vida, pode o homem controlar sua capacidade de gerar novas vidas? Pode ele fazer seu controle de natalidade, seu planejamento familiar? Uma mulher pode interromper uma gravidez indesejada? Ou tudo isso deve ser deixado nas mãos da providência divina?

E quanto à morte, pode o homem abreviar o sofrimento inútil decorrente de doenças incuráveis em estágio terminal? Pode recorrer a procedimentos como a eutanásia? Ou deve suportar passivamente o sofrimento até que Deus o leve dessa para a melhor?

São situações muito difíceis e complexas, que envolvem muitos problemas de ordem ética, moral e religiosa.

É sempre evidência de grande progresso civilizatório cada vez que a vida e a morte são equacionadas sob uma perspectiva humanística, humanitária, distante de ideologias e crenças religiosas que muitas vezes toldam uma visão mais lúcida dessas questões.

Somente em 1997, o estado brasileiro legislou a favor do planejamento familiar, transformando-o num direito constitucional de todos os cidadãos.

E esta semana – o que é uma boa notícia – o governo acaba de regulamentar a prática da ortotanásia. A ortotanásia é uma espécie de eutanásia light – a ser realizada por médicos na fase terminal de doentes incuráveis, após a autorização do próprio paciente ou de seus responsáveis.

Dessa maneira, alivia-se a agonia desnecessária vivida por pacientes e seus familiares, com enorme gasto de energia, dinheiro e sofrimento.

A partir desta semana, ficou mais fácil morrer em paz.

Consumo natalino

(14/12/06)

A publicidade nos bombardeia permanentemente, induzindo o consumo dos bens mais variados, apregoados como indispensáveis à nossa felicidade.

E nós, que até então vivíamos muito bem sem aqueles bens, passamos a achar nossa vida miserável se não os possuímos. Enlouquecidos, saímos em disparada para adquiri-los ou morremos de tristeza se são inacessíveis a nosso bolso.

Um dos truques mais conhecidos da propaganda é estabelecer uma ligação entre os produtos a serem consumidos e nossos desejos sexuais.

Há sempre uma mulher linda ou um homem bem apessoado mostrando os produtos. É como se, ao comprar o produto, o sujeito levasse junto a mulher linda da propaganda ou adquirisse a boa aparência do homem da foto.

Mais ainda.

A propaganda vincula a beleza dos modelos fotográficos à qualidade do produto anunciado.

Por isso não se vê ninguém de má aparência num anúncio publicitário. Quando o feio aparece, é para ser ridicularizado e identificado como aquele que não possui o produto anunciado. O sujeito, então, assustado, para não ficar tão rejeitado quanto aquele pobre coitado, se apressa em comprar o tal produto.

A propaganda diz que o que é o belo é o bom.

A experiência desmente tal afirmação. Afinal, como dizem os velhos provérbios, sabemos que “as aparências enganam”, que “quem vê cara não vê coração”, que “nem tudo que reluz é ouro”.

Apesar de sabermos do caráter enganoso da propaganda, deixamo-nos iludir por ela, pois ela apela para imagens ideais de beleza e perfeição que desejamos alcançar e que abrigamos em nosso inconsciente.

Isso tudo me vem à cabeça com a aproximação do Natal, quando o bombardeio publicitário e a incitação ao consumo atingem o nível de um verdadeiro frenesi, e me vejo, como todo mundo, compelido a fazer minha lista de presentes e sair às compras.

Uma mensagem de Natal

(18/12/06)

Ouvir o barulho do mar, o sopro do vento, o estrondo do trovão, o rugido das feras, o canto dos pássaros, o galope de um cavalo.

Captar a beleza de sons escondidos no ruído das coisas.

Imaginar formas de recriá-los e inventar outros inexistentes na natureza, que se articulem e combinem de forma melodiosa.

Tanger fios de maneira variada, fazê-los ressoar em caixas que lhes deem corpo e sonoridade específica.

Soprar em tubos, pressionar o ar por desvios e curvas diversas, obrigando-o a se contorcer e atravessar orifícios com aberturas controláveis, produzindo sons calculados de antemão.

Criar instrumentos.

Descobrir as escalas de sons, as formas harmônicas e dissonantes de combiná-los.

Inventar a música.

Criar registros dessa produção de sons, de modo a permitir sua reprodução em tempos futuros.

Superando invejas e competições, rivalidades e desgraças pessoais, executando o produto dessa criação em agrupamentos de instrumentos diversos, tocando em uníssono ou em sucessão, obedecendo a um roteiro previamente estabelecido que todos respeitam rigorosamente, visando o trabalho conjunto.

Poderia estar falando algo parecido de qualquer outra criação do engenho humano – outras artes, o conhecimento científico, a tecnologia que tanto facilita nossas vidas.

Mas é à música a que recorro toda vez que me sinto desiludido e desesperançado com o espetáculo da loucura humana. Com nossa destrutividade patente nas guerras e injustiças sociais. Com nossa violência, nossa irresponsabilidade e desrespeito para com o outro humano, com os animais e com a própria natureza.

A música, mais do que qualquer outra criação, diretamente me lembra da capacidade inventiva do homem. Ela atravessa as barreiras das línguas e, de forma imediata, atinge a todos os homens. E sua execução mostra a possibilidade da concórdia e do trabalho visando o interesse comum.

Uma orquestra tocando uma peça sinfônica. Um quarteto tocando música de câmara. Essas são imagens reais, que nos dizem ser possível, sim, a convivência pacífica, produtiva e criativa entre os homens.

São essas imagens que me dou de presente de Natal e que compartilho com vocês, desejando que elas nos deem forças para continuar lutando por um mundo melhor.

Um Feliz Natal a todos.

Ano novo

(25/12/06)

O tempo é uma dimensão cósmica que impõe suas normas ao universo, marcando o momento em que ocorrem transformações nas galáxias e nas estrelas, corpos celestes que, como nós, nascem, vivem e morrem.

Tentamos domesticá-lo, prendê-lo nas engrenagens de um relógio, transformá-lo em minutos que pulsem regular e metodicamente.

Mas o tempo escapa, transborda do relógio. Imenso e informe, retoma sua força original e se transforma no colossal rio que nos conduz da infância à velhice, do berço ao túmulo.

O tempo nos assusta com sua verdade, ao nos dizer o quão fugaz é a vida e que a morte é a única certeza.

Fingimos não ouvir o que ele diz.

Mas na passagem do ano, a realidade do tempo se faz mais evidente. Não dá para continuar fazendo de conta que ele não existe.

Na passagem do ano, somos forçados a refletir sobre nossa forma de lidar com o tempo.

E ao pensar sobre o uso do tempo, temos de pensar sobre o que fazemos de nossas vidas.

Pensar sobre o que temos feito de nossas vidas muitas vezes nos angustia e deprime.

Junto com as conquistas, realizações profissionais e relações afetivas satisfatórias, temos de encarar perdas, erros, enganos, fracassos.

Mas a angústia e a depressão que tal reflexão desperta não são necessariamente más.

Elas podem nos dar forças para mudar, para crescer, para corrigir a rota, rever objetivos, reparar erros, refazer relações.

Na passagem do ano, que nos força a olhar direto para o tempo que passa, lembro a sabedoria de Horácio, antigo poeta romano, que aconselhava – *carpe diem*.

Numa tradução livre, isso quer dizer mais ou menos algo assim – aproveite o dia, usufrua o que ele pode lhe dar, viva-o com toda a intensidade possível, pois ele é o único bem que você de fato tem, o amanhã não está garantido.

Bom ano novo.



Este livro convida o leitor a um exercício do olhar que se demora nos objetos, nos questionamentos e catástrofes que nos atravessam. Compilados neste volume estão crônicas escritas entre 2006 e 2009 para um programa da Rádio Eldorado (São Paulo), onde foram lidas pelo autor. Elas se mantêm atuais e muito tem a dizer ao leitor contemporâneo. Munido de perspicácia Sérgio Telles versa sobre variados temas como democracia, fenômenos culturais, questões humanitárias e as pequenas trivialidades que nos movem. Na longa sentença dos dias, esta obra é como um ponto e vírgula, uma pausa no *continuum* do cotidiano pela qual vislumbramos a presença do inconsciente freudiano.



www.taeditora.com.br

tao



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

O avesso do cotidiano

Crônicas radiofônicas

Sérgio Telles

ISBN: 9786589913351

Páginas: 246

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
